



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA SAÚDE**

PAULA ÁVILA MORAES

**VÍDEO EDUCATIVO:
AS PARTEIRAS TRADICIONAIS KALUNGAS**

Goiânia
2019

1 INTRODUÇÃO

Até 1832, as parteiras mais antigas se encontravam na cena do parto, não havia curso regular para a formação dessas mulheres. O curso de formação de parteiras foi institucionalizado pelo artigo 19 da Lei de 3 de outubro de 1832 (BRASIL, 1832), antes disso só podiam exercer a “arte de partejar” aquelas mulheres que fossem reconhecidas pela instituição Fisicatura-mor, sendo as parteiras práticas, estrangeiras licenciadas, e parteiras leigas, reconhecidas documentalmente competentes; já as comadres partejavam sem autorização do sistema de saúde (MEDEIROS; CARVALHO; TURA, 2018).

O estudo que analisou o cenário de assistência ao parto, disputado entre parteiras e médicos-parteiros através de anúncios no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro entre 1835 e 1900, mostrou que os anúncios das parteiras eram exclusivos até 1855. Quando surgiram os médicos, criaram-se novos paradigmas da assistência. Em 1870, iniciou a propaganda da assistência ao parto pela classe médica, prevaleceram em quantidade, quando o discurso cientificista e de medicalização do parto ganharam popularidade na opinião pública (MEDEIROS; CARVALHO; TURA, 2018).

Diferentes organizações solicitaram o registro dos saberes e práticas das parteiras tradicionais do Brasil, como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em processo de análise desde o ano de 2008 (IPHAN, 2018).

Outra evidência que mostra a necessidade emergencial de proteção às parteiras tradicionais é o atual registro do CNES. Em agosto de 2010, havia

846 parteiras leigas registradas (BRASIL, 2010). Em levantamento realizado em maio de 2019, em todo território nacional são apenas 283 cadastradas com o código 5151-15 correspondente a parteira leiga na Classificação Brasileira de Ocupações (BRASIL, 2019).

Como resultado da presente pesquisa intitulada “O Partear por Parteiras Tradicionais”, ficou perceptível que ao longo da história, o parto que era realizado por parteiras tradicionais, aos poucos passou a ser de domínio da classe médica. Ao perceber que a atuação da parteira era maior a medida que eram feitos anúncios com seus trabalhos, foi proposto um meio de divulgação dos seus trabalhos ainda atuais.

Para que seja possível ampla divulgação, foi elaborado um vídeo educativo que narra o trabalho das parteiras tradicionais Kalungas, com imagens ilustrativas. O vídeo será oferecido à Secretaria Estadual de Saúde e Ministério da Saúde, para que seja utilizado nos cursos e encontros relacionado às parteiras, servindo de incentivo para que continuem atuando e para fortalecer as boas práticas utilizadas por elas. Também mostrará aos profissionais de saúde a seriedade de seus trabalhos.

2 OBJETIVO DO PRODUTO

Divulgar as práticas desenvolvidas por parteiras tradicionais Kalungas na assistência ao parto domiciliar, por meio de um vídeo educativo.

3 ROTEIRO

O roteiro foi escrito com linguagem de fácil acesso para que a divulgação seja efetiva entre diferentes níveis de instrução, com 93 imagens ilustrativas captadas no programa aberto Instagram e acervo pessoal. Construído a partir das experiências das parteiras tradicionais.

TÍTULO: As Parteiras Tradicionais Kalungas

O parto é um momento muito especial na vida das mulheres. É um processo natural, simples e descomplicado na maioria das vezes. O parto traz consigo experiências que marcam a vida emocional, no ponto mais íntimo que possa existir, através das experiências boas ou ruins.

Ao longo da história da humanidade, o parto, com sua importância e naturalidade, acontecia na casa da própria gestante, com ajuda de outras mulheres.

Com o passar dos anos, o parto foi levado para os hospitais com a promessa de que menos mulheres e bebês morreriam neste momento. Aos poucos, as mulheres foram esquecendo tamanho poder que seus corpos possuem. Receitas, movimentos, sinais e percepções foram se perdendo da nossa cultura. O parto passou a ser visto como algo perigoso.

As parteiras tradicionais são mulheres corajosas, dispostas e solidárias que acompanham o parto em casa, de mulheres que não conseguem atendimento profissional ou que preferem ser cuidadas por elas.

As parteiras tradicionais guardam consigo saberes riquíssimos sobre a feminilidade, o parto, ervas medicinais, cuidados com o bebê. A Organização Mundial da Saúde e Ministério da Saúde reconhecem e incentivam seus

trabalhos. É preciso somar forças com quem entende e pratica o parto humanizado, com uma assistência que mantém a mulher protagonista de todo processo.

A parteira tradicional Kalunga ainda é uma figura presente nos partos na região da Chapada dos Veadeiros, em Goiás. Atendem partos como forma de socorro, auxiliando mulheres de sua comunidade, uma vez que possuem dificuldade de acesso aos serviços de saúde em regiões mais distantes.

A maioria das parteiras é mulher, com mais de 60 anos de idade, e mais de 30 anos de experiência. Elas se tornaram parteiras por diferentes motivos. Um aprenderam a partejar na prática, sozinhas; outras foram pela convivência com outras parteiras; ou ainda aprenderam com alguém da família, geralmente os avós ou pais por repasse de tradição. Essas mulheres se tornaram parteiras por coragem e solidariedade para atenderem a necessidade da comunidade onde vivem.

Depois de aprenderem o ofício, continuaram sendo parteiras movidas pela fé, demonstrando tamanha importância da espiritualidade. Entendem que o partejar é a missão de suas vidas. Sentem que foram ensinadas e guiadas por Deus e, que por este motivo não podem negar a multiplicação da bênção recebida.

Muitas são felizes e realizadas por serem parteiras. O partejar desenvolve um relacionamento de intimidade com as famílias que acompanham a ponto de que os bebês que nascem por suas mãos, as consideram como mãe. Outras não sentem este mesmo reconhecimento, prevalecendo um sentimento de ingratidão.

As parteiras Kalungas trabalham com práticas e conhecimentos empíricos, tradicionais e naturais que sustentam sua cultura. Elas têm compromisso com o parto e nascimento; têm reconhecimento da comunidade como alguém de grande sabedoria. No dia do parto, são chamadas para ajudar. Ao chegarem à casa da gestante, primeiro observam o ambiente, e se a mulher e o bebê estão bem, atentando para a evolução do trabalho de parto.

Dependendo da avaliação, usam seus saberes para conduzir o parto. Se perceberem que a mulher precisa de ajuda, usam ervas, chás e banhos para esquentar a dor, dar sustança e força. São famosas raizeiras, guardam consigo receitas preciosas para conduzir o que for preciso.

As parteiras Kalungas têm sabedoria e sensibilidade para identificar se o parto vai acontecer de forma natural. Se perceberem que algo não está como esperado, usam técnicas para arrumar a posição do bebê e da mãe para nascer naturalmente. Mas se for algum caso mais complicado e que não dão conta de resolver com seus saberes, transferem a gestante para o hospital.

Assim que o bebê nasce, cuidam com rituais e crenças especiais que influenciarão no desenvolvimento da criança: mantém o bebê em casa por sete dias, sem ser mostrado; cortam o cordão umbilical de forma diferente entre meninos e meninas, usam azeites, amarrações e curativos, cultivando as práticas tradicionais.

Quanto à saída da placenta usam rituais embasados em crenças, até o descarte, enterram no chão com uma forma única e cobrem com sal.

Continuam cuidando da mulher, adequando o uso das ervas para redução do sangramento, recuperação e produção do leite.

Depois de prestarem toda assistência ao parto e nascimento, a parteira se sente responsável pela continuidade dos cuidados com a mulher. Algumas parteiras dormem alguns dias, na mesma casa, para ajudar com os afazeres domésticos e com os cuidados com o bebê. Outras voltam para suas casas depois de delegar os cuidados aos familiares ou vizinhos.

Preocupadas com a adaptação da nova família as parteiras procuram ter notícias de como tem passado os dias para finalizar o acompanhamento iniciado com o trabalho de parto.

Depois de prestarem um serviço tão importante, sentem-se desvalorizadas por não receberem remuneração. A falta de transporte para unidades de saúde que possam intervir em alguma complicação do parto é a principal dificuldade enfrentada pelas parteiras para que mãe e bebê fiquem bem. Com todas as dificuldades, elas continuam partejando, representando uma assistência completa a muitas famílias.

4 ESTRATÉGIA DE DIVULGAÇÃO

A plataforma escolhida para a divulgação do produto será o YouTube por ser de fácil acesso e de ampla visualização.

5 PROGRAMA E FERRAMENTA UTILIZADOS PARA CRIAÇÃO

- Sistema: Windows 7 Ultimate
- Programas: Windows® Movie Maker Versão 2.6.4037.0

6 CONCLUSÃO

O produto técnico em formato de vídeo foi escolhido devido a visibilidade e alcance dessa tecnologia nas redes sociais. O tempo de duração do vídeo foi de 7 minutos, que foi suficiente para passar a mensagem sobre o trabalho realizado pelas parteiras tradicionais Kalungas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde**. Ministério da Saúde, 2019. Disponível em: <http://cnes.datasus.gov.br/>. Acesso em: 25 set. 2019.

BRASIL. Coleção de Leis do Império do Brasil. **LEI DE 3 DE OUTUBRO DE 1832**. v. 1, pt, I, p. 87, 1832. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei_sn/1824-1899/lei-37274-3-outubro-1832-563716-publicacaooriginal-87775-pl.html. Acesso em 24 set. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Parto e nascimento domiciliar assistidos por parteiras tradicionais: o Programa Trabalhando com Parteiras Tradicionais e experiências exemplares**. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/parto_nascimento_domiciliar_parteiras.pdf. Acesso em: 21 set. 2019.

IPHAN. **Termo de execução descentralizada N.º 02/2018 - IPHAN/MINC**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2018. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/licitacaoConvenioContrato/termo_de_execucao_descentralizada_002.2018_ufpe.pdf. Acesso em: 27 set. 2019.

MEDEIROS, H. R. F.; CARVALHO, D. M.; TURA, L. F. R. A concorrência na arte de partejar na cidade do Rio de Janeiro entre 1835 e 1900. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 4, p. 999–1018, 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/2018nahead/0104-5970-hcsm-S0104-59702018005000002.pdf>. Acesso em: 24 set. 2019.

